

## Segunda parte

São Lucas 9,51 nos leva a ver Jesus tomando a firme resolução de se dirigir a Jerusalém. O texto grego nos diz que ele virou o rosto naquela direção, mesmo sabendo o que lhe esperava. Em cada momento manifesta a força vitoriosa no sofrimento, na sua paixão, como um chamamento especial à coragem e à fortaleza. Seu caminho atinge seu auge quando toma a sua cruz e se dirige ao calvário. Seu mistério salvífico aqui é o carregar. O bom pastor nos toma sobre seus ombros. Sua cruz somos nós, sua cruz mais pesada, o peso de toda a humanidade. De repente uma ajuda inesperada. Surge, como que de surpresa, alguém que vai carregar a cruz atrás de Jesus. Obrigado ou livremente, não importa. Aceita levar a cruz.

Temos, plasticamente, concretamente, o símbolo do discípulo, o que toma a sua cruz e segue após. Para o discípulo o chamado inclui, como consequência, carregar a cruz. Isto é, deixar-se assemelhar e se assimilar ao Senhor. Carregar a cruz é assumir os sentimentos e as atitudes de Jesus. Lendo Isaias 53 os cristãos souberam reconhecer aí Jesus como o que tomou sobre si a maldade humana e que foi esmagado pelos crimes da humanidade. Com Jesus assumimos as dores e as esperanças humanas. Ao dar atenção e consolo as mulheres de Jerusalém, Jesus nos leva a olhar as dores de tantas mulheres que com ele, carregam a cruz da violência, da fome, da discriminação, do tráfico humano, da violência doméstica, do feminicídio, da migração forçada, da mutilação, da perda dos filhos. Não fomos chamados para olhar para nós mesmos. Nem para lamentar nossos fracassos e tristezas.

“Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência. Em contrapartida, aumentam os mercados, onde as pessoas desempenham funções de consumidores ou de espectadores. O avanço deste globalismo favorece normalmente a identidade dos mais fortes que se protegem a si mesmos, mas procura dissolver as identidades das regiões mais frágeis e pobres, tornando-as mais vulneráveis e dependentes. Desta forma, a política torna-se cada vez mais frágil perante os poderes económicos transnacionais que aplicam o lema ‘divide e reinarás’” Fratelli Tutti 12).

Como Jesus somos chamados a coragem e a fortaleza. Nossa missão é carregar as cruces das dores alheias. Mesmo que a nossa própria cruz nos pese. A cruz da vida, das limitações, dos defeitos, até dos pecados que reconhecemos em nós. Isto sem nos voltar para dentro de nós mesmos. Na medida que assumimos as dores dos outros, vai-se manifestando o sentido salvífico do sofrimento. Estar atento aos outros liberta-nos de nós mesmos. Nossos olhos devem perscrutar a multidão que nos rodeia e individuar as dores daqueles onde pousam nossos olhos. Carregar a humanidade sobre os ombros é estar junto aos que sofrem qualquer dor para lutar

por vida para todos. Compreender os que erram, fazer-lhes descobrir a vida e depositar em Jesus a esperança. A união com Jesus é a força para se chegar a isso. Só a graça divina o realiza. Como viver concretamente essa missão? Como São Paulo da Cruz carregou a sua cruz e a dos outros?

### **O Mistério da morte**

Consuma-se o batismo de Jesus. Jesus é submerso no mistério da morte. A celebração pascal, iniciada na última ceia, prolonga-se e se concretiza na cruz, é tornada presente em cada Eucaristia e continuada nas dores das vidas sofridas de todos os tempos. O mesmo ato de amor absoluto, de doação total perpetua-se diante de nós e nos arrasta como onda avassaladora para vivermos integralmente o amor. A Páscoa do Senhor nos envolve, nos ressuscita, dá-nos o dom do espírito e nos impulsiona para o dia definitivo da vinda gloriosa do Senhor. Diante de nós o preço de nossa salvação, o cordeiro imolado, o vivente. Sua cruz é a cátedra mais eloquente. Nela aprendemos o verdadeiro amor. Não conhecemos para progredir no amor a Deus, livro mais sublime do que Jesus Cristo Crucificado (S. Maximiliano Kolbe). Deste seu trono, sua cruz gloriosa, fluem os quatro rios que purificam e irrigam todo o universo. Lavados e purificados no sangue redentor, somos revestidos da nova veste, recebida no batismo. Veste alvejada no sangue do Cordeiro: cor rubra de sangue e cor branca, morte e ressurreição. Como no Gênesis, Deus reveste nossa nudez, nosso nada, agora com a veste incorruptível da graça. Diante de nós a terrível morte por crucifixão. A surpreendente simplicidade dos relatos evangélicos, faz refletir a grandeza, a importância e a majestade do fato.

Em Fil 2, 5 São Paulo nos convida a ter os mesmos sentimentos de Cristo. Vendo-o na cruz, nos perguntamos: quais os sentimentos de Jesus naquele momento? Em primeiro lugar, a terrível dor física por todo o corpo. Mas seu coração sente a compaixão que o levou ao extremo do amor. Abandona-se aos torturadores e às mãos do Pai. Manifesta extraordinariamente seu perdão, tanto anunciado e ensinado. Acolhe a confissão do bandido crucificado com ele. E, talvez o maior sofrimento, o abandono do Pai. Estar na cruz, no lugar de todos os que recusam a presença amorosa de Deus. Reza o salmo 22: “Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonastes?” Não recebe resposta. Como se o Pai lhe dissesse: não foi para isso que você se tornou humano? Você não sabe que eu não estou do seu lado, mas do lado desta humanidade que me rejeita? Por isso fiz de você o sinal da mais terrível separação, o se separar e ser separado de mim. É através da sua entrega amorosa que se cobre toda a falta de amor de toda a humanidade. A aceitação de Jesus é plena. Nosso olhar é atraído para a cruz. No deserto, os que olhavam para a serpente na este ficavam curados (Num 21,7-9). O profeta (Zc 12,10) anuncia o dom de súplica e compaixão quando se olhar e chorar como se chora um filho único. João retoma a ideia em 8,28 e 3,14.

Agora só lhe restava a Mãe e a vida. Nesta hora, a mais solene, a mãe nos é entregue. A Mãe das dores, a Mãe da Páscoa. Mãe da Esperança, Mãe da Vida. Mãe das Sepulturas vazias, Mãe das Pedras Roladas, das Mortes vencidas. Maria das madrugadas para acordar a vida. Maria da pressa, da urgência, da vitória sobre o imobilismo. Maria da procura e do encontro, não dá tranquilidade acomodada. Maria, não do deserto estéril, mas das fontes inesgotáveis. Maria da beleza, da harmonia, das flores, da ternura e do carinho. Maria de Deus. Maria, Mãe.

Resta-lhe a vida. Também a entrega. João é o único que diz que, ao morrer, Jesus baixou a cabeça e entregou o espírito. Ou o Espírito. Voltado para a terra, voltado para a Igreja reunida aos pés da cruz, voltado para nós. O Espírito Santo derramado na paixão realiza a transformação do universo, acolhido num abraço pelos braços estendidos na cruz.

Assim faz com que o cosmos se torne a matéria da eucaristia escatológica, quando pela sua cristificação, Deus será tudo em todas as coisas. Magnífica e misteriosa manifestação da Trindade, o Pai que acolhe o sacrifício do Filho que entrega o Espírito. Mística escatologia já realizada e ainda não manifestada. Já morto, restava algo em Jesus? "... um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e, imediatamente saiu sangue e água. Sangue e água brotam do coração aberto, os sacramentos do batismo e da eucaristia. Ao rasgar-se o coração, compreendemos que a paixão é doar-se no amor. A ferida nos deixa ver o interior do coração, perscrutamos as entranhas da misericórdia "através das feridas do corpo manifestam-se os segredos do seu coração, revela-se o grande mistério de piedade, as entranhas de misericórdia do nosso Deus que das alturas nos visitou como sol nascente." (S. Bernardo).

Entrando pela ferida do lado de Jesus, encontramos vida na morte, força na fragilidade, esperança no sofrimento. O Ano Santo de 2025 nos convida a peregrinar na esperança. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco nos exorta: Não deixemos que nos roubem a esperança, o Evangelho, a comunidade, a alegria, o ardor missionário, o rosto jovem da Igreja... Fazendo memória da paixão, abre-se diante de nós a dimensão escatológica do que meditamos. Pela paixão e cruz com o momento culminante da ressurreição, está aberto para todos o Reino de Deus. Plenamente realizado em Jesus e ainda em construção no mundo. Por isso, peregrinamos com a Igreja e ela, nunca instalada na história, apela-nos a esperança. A Esperança está em nosso presente, mas no futuro de Deus. O que Jesus realizou na cruz sustenta a nossa esperança e assegura-nos o que nós ainda esperamos. Jesus identificou-se com todos os crucificados de todos os tempos. Viver a esperança é lutar para que haja vida, vida plena em todos os que sofrem.

A paixão se torna missão. A ela somos enviados. São Paulo da Cruz nos acompanhe e interceda por nós.